

Elegia nº 9

DE MAURO MOTA

Brisa da tarde, mensageira brisa,  
do tempo antigo como se voltasse.  
Brisa do jardim público, na lisa  
pedra do banco, uma legenda nasce.

◇

Quase criatura pela relva pisa  
flutuante, fina, alígera, fugace.  
entre os meus dedos trêmulos desliza,  
sinto o seu beijo póstumo na face.

◇

Brisa da tarde, vens tangida pelos  
cabelos soltos, rápidos cabelos  
esvoaçantes pelos céus azuis.

◇

Lembro, um dia a envolveste e foste  
[embora,  
brisa, e da amada tão distante, agora,  
é o cheiro e a imagem que me res-  
titues.

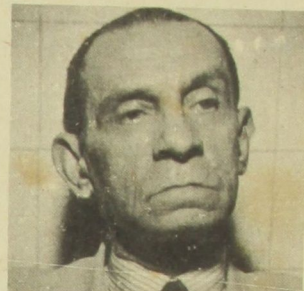


Mauro Ramos da Mota e Albuquerque nasceu (1912) e vive no Recife, onde é professor e secretário da redação do "Diário de Pernambuco". Em 1952 as edições "Jornal de Letras" lançaram seu livro de versos "Elegias", em que há 10 sonetos feitos quando o poeta enviuvou; esse que aqui apresentamos, de número 9 é talvez o menos pungente e o mais lírico.

2 PÁGINAS  
DE

Rubem

GENTE DA CIDADE



Gastão Cruls,  
o amazônico

Gastão Luiz Cruls declara com a maior tranquilidade que nasceu em 1888, o que lhe dá 65 anos; poderia alegar 55, esse homem alto, enxuto, de ar vibrante e contido, sempre meio contrariado e entretanto cordial, levemente espantado, que nos fita muito sério com seus olhos claros. Pois nasceu em 1888 e, como parece que não podia deixar de ser, nasceu no Observatório Astronômico, no morro do Castelo, e guardou alguma coisa de astral.

Eu diria que esse brasileiro tão profundamente brasileiro é o mais sábio dos viajantes estrangeiros que nos visitaram no século XX. O pai, Luis Cruls, belga, engenheiro astrônomo, casou-se com uma brasileira filha de português com francesa, dirigiu o Observatório, escreveu duas obras clássicas "O Clima do Rio de Janeiro" e "Atlas Celeste", em 1891-2 demarcou no Planalto Central o quadrilátero do até hoje futuro Distrito Federal, em 1901 demarcou os limites do Brasil com a Bolívia.

O menino Gastão foi estudar no Ginásio Fluminense, de Petrópolis (então capital do Estado) fundado carinhosamente por Alberto Torres, dirigido por Raimundo (das Pombas) Corrêa que dizia a um amigo: "não sei como vou mandar as notas desse menino para o pai. É uma vergonha: o pai é um grande matemático e o menino é bom em tudo, menos em matemática; só tira 2, 3..." Contemporâneos de ginásio, amigos de sempre: David Sanson e Otávio Tarquínio.

Acabou os preparatórios no Pedro II, em 1905 entrou para a Faculdade de Medicina, em 1910 faz clínica médica, é interno do Miguel Couto, depois trabalha 0 anos na Assistência, conhece todos os antos do Rio viajando em ambulância. Está claramente destinado a ser um dos maiores médicos do Brasil. Entrementes (1910-20) a vida no Rio lhe parece bela como jamais pôde ser depois, ia-se à Colômbia namorar as moças de família até às 6 da tarde, depois elas saíam, vinham as francesas e italianas até às 8, podia-se convidar uma para ir até o "Palace", na rua do Passeio, ao café-concerto; uma "champagne" custava 30 mil réis, depois era fácil arriscar alguma coisa na roleta dos "Bohemios" ou dos "Políticos" (ele se lembra: "que belo rapaz estroina era o Flôres da Cunha!") isso quando não se ia à "Maison Moderne", no largo do Rocio, ou ao "Pavilhão Internacional", muitas noites acabavam na pensão da Tina Tatti, no Russel, onde havia orquestra, mulheres e jardim e uma noite se fez um jantar de gala em homenagem ao general João Francisco.

Em 1920 passa para a Saúde Pública Federal, segue para a Paraíba em uma missão de saneamento rural, assombra a todos pela sua dedicação, saber e rusticidade, leva um ano de vida duríssima, na





volta deixa a clínica médica para se especializar em dermatologia, em 1926 vai à Europa se especializar ainda mais, chega lá, de repente descobre que não gosta de medicina, porque é demasiado aplicado e demasiado sensível, faz de cada doente um estudo minucioso e um drama particular, na volta fecha o consultório. Entrementes já publicou os contos de "Coivara" (1920), "Ao embalo da rede" (1923), em 1925 cria um grande nome com "Amazônia Misteriosa", escrito sem nunca ter ido lá (hoje em 6.ª edição: um livro que sempre será lido e que além de ser boa ficção é rigorosamente exato em tudo que se refere à Amazônia). Em 1927 publica "Elza e Helena", em 28 "A criação e o Criador", nesse ano segue como epidemiologista numa Comissão Militar de Fronteiras com o general Rondon, subindo o Trombetas e o Erepê-Curú até a fronteira da Guiana Inglesa, no caminho tem um mal grave (hematemese) mas se nega a descansar e a dar trabalho aos outros, e assombra a todos com sua capacidade de silencioso heroísmo e sacrifício.

Na volta publica "A Amazônia que eu vi" (vai sair agora a 4.ª edição, na Brasileira); em 1930 funda a editora Ariel (onde apareceram, por exemplo, "Cacáu" de Jorge Amado, "S. Bernardo" de Graciliano, "Lampeão" de Ranulfo Prata e "Espírito de nosso tempo" de Gilberto Amado) e o "Boletim de Ariel" com Agripino Grieco; será editor até 1937. Continua na Saúde Pública até 1938, passando então a chefe da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo da Prefeitura; nesse ano faz sua segunda viagem à Amazônia para escrever a monumental "Hilêa Amazônica" com importantes e exatíssimas informações sobre etnografia, flora e fauna, publicado em 44. Depois do romance "Vertigem" e de "História puxa história" tem outro grande sucesso de livraria com o minucioso e agradável "Aparência do Rio de Janeiro".

Para escrever um livro dêsse — contam os amigos íntimos — Gastão lê pelo menos 700 livros, que ficha rigorosamente; sua capacidade de estudo é monstruosa e sua probidade perfeita. Escreve e lê tudo deitado numa rede, usou durante anos e anos um chapéu de abas largas e fumava um cigarro estranho, mas acabou a marca daquele chapéu e também a do cigarro, continua sempre fumando com piteira (tem muitas e perde muitas, assim como canetas-tinteiro). É solteiro (quando o pai morreu, na Europa, ele ficou sendo o único homem da família, responsável pela mãe e irmãs), católico não praticante, jamais fez política e só consentiu em entrar (em 1945) para um partido, o Socialista. Foi na mocidade amigo de Antônio Torres, sobre quem escreveu um livro, a sua próxima obra, a ser lançada por José Olímpio, é o romance "De pai a filho".

Mora em Laranjeiras, passa os fins de semana em uma casinha no Alto da Tijuca, cercado de orquídeas e coisas de índio, toda semana janta uma vez na casa de Otávio Tarquínio, outra na de Rodrigo M. F. de Andrade, gosta de passarinhos (hoje só tem uma graúna do Ceará e um concriz (corrupião) que o pai de Gilberto Freyre lhe deu), de Gilberto Amado e de Carlos de Lima Cavalcanti, além de mais alguns amigos que se espantam com sua dedicação e acham que é o sujeito que mais se aproxima do homem perfeito, ainda que extravagante; é extravagante principalmente em seus sonhos, que recorda de fio a pavio, inclusive um que incluí um "ballet" em praça pública em que os primeiros bailarinos eram ele mesmo e José Américo de Almeida, intensamente aplaudidos pela fascinada multidão.



Verho Braga  
 para o Bandeira participa que se mudou  
 o apartamento 806 d. mar 406  
 Miguel; av Beira mar 406  
 nunca que invocado pela paisagem que  
 desce na de seu novo apartamento, pas  
 o chamou-se agora  
 seu criado e admirador  
 Rio 2.11.53 Lindomar Boavista

**O POETA MUDOU  
 DE APARTAMENTO E DE NOME**

Manuel Bandeira deixou o apartamento que dava para o pátio interno de seu edifício e mudou-se para o 806, com vistas para o mar. Ele comunica isto ao nosso redator, avisando que "invocado pela paisagem" passa a chamar-se

Lindomar Boavista. No seu desenho vê-se: no primeiro plano, o "marzinho" da Avenida Beira Mar; depois os caminhões que fazem o atêro do Calabouço, o aeroporto Santos Dumont, a baía; à direita, a entrada da barra.